

Professores(as) de Libras surdos(as): reflexões acerca da constituição da identidade profissional docente no Ensino Superior

Deaf Libras teachers: reflections on the constitution of teacher professional identity in Higher Education

Fabio Alexandre Borges¹
Edna Fabricia Tecco²

Resumo: Professores(as) surdos(as) na disciplina de Libras no Ensino Superior carregam características específicas e que são inerentes, também, à Cultura Surda da qual pertencem. Com o presente estudo, objetivou-se investigar indícios da constituição da identidade profissional de docentes surdos de Libras que lecionam no Ensino Superior. Caracteriza-se como um estudo de natureza qualitativa, no qual o procedimento utilizado para a produção de dados foi uma entrevista semiestruturada que foi gravada e transcrita. As entrevistas envolveram cinco professores(as) surdos(as) da disciplina de Libras. Os dados produzidos foram analisados com base em elementos da Análise de Conteúdo, quais sejam: Preparação das informações; Unitarização; Categorização; Descrição; e Interpretação. Concluiu-se com este estudo que os professores entrevistados compreendem que a Cultura Surda e a Libras são componentes que interferem fortemente na constituição e fortalecimento de suas identidades como educadores. Destacam-se, também, a influência positiva de outros professores surdos na trajetória docente, a necessidade de pensarmos na formação do docente surdo para esse contexto, bem como a busca por igualdade em relação aos demais docentes ouvintes nas instituições de Ensino Superior.

Palavras-chave: professor(a) surdo(a); identidade profissional docente; libras; ensino superior.

Abstract: Deaf teachers in the discipline of Libras in Higher Education carry specific characteristics that are also inherent in the Deaf Culture of which they belong. With the present study, this study aimed to investigate evidence of the constitution of the professional identity of deaf teachers of Libras who teach in Higher Education. It is characterized as a qualitative study, in which the procedure used for data production was a semi-structured interview that was recorded and transcribed. The interviews involved five deaf teachers of the Libras discipline. The data produced were analyzed based on elements of content analysis, which are: Preparation of information; Unitarization; Categorization; Description; and Interpretation. It was concluded with this study that the interviewed teachers understand that Deaf Culture and Libras are components that strongly interfere in the constitution and strengthening of their identities as educators. We also highlight the positive influence of other deaf teachers in the teaching trajectory, the need to think about the education of deaf teachers for this context, as well as the search for equality in relation to other teachers in higher education institutions.

Keywords: deaf teacher; teacher professional identity; libras; higher education.

¹ Pós-doutor em Ensino de Ciências e Educação Matemática pela UEL. Universidade Estadual de Maringá. Grupo de Estudos e Pesquisas em Surdez e Educação Matemática Inclusiva – GEPSEMI. *E-mail:* fabioborges.mga@hotmail.com

² Mestre em Ensino: Formação Docente Interdisciplinar pela Unespar. Colégio Novo Horizonte. *E-mail:* fabi.tecco@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

O professor é o profissional responsável por conduzir o desenvolvimento de novos conhecimentos dentro da sala de aula, podendo ser considerado a autoridade didática nesse espaço e atuação. Como toda profissão, que é influenciável por diversos fatores (meio, experiências etc.), essa apresenta uma identidade profissional, que se constrói e reconstrói ao longo da vida em um processo complexo, contínuo e inacabado. Pimenta e Anastasiou (2002) afirmam que a constituição da identidade profissional docente se baseia em valores pertencentes a cada indivíduo, no modo como as suas histórias são construídas, como cada um se define no espaço enquanto docentes, em seus saberes, crenças, experiências, anseios etc. A identidade profissional carrega, portanto, elementos coletivos e individuais.

Em relação especificamente à constituição da identidade profissional de docentes surdos que lecionam para estudantes majoritariamente ouvintes no Ensino Superior, na disciplina de Libras, essa carrega complexidades específicas que merecem destaque. Tais complexidades giram em torno, principalmente, da diferença linguística e, também, pela identificação de aspectos específicos da cultura surda (Perlin, 1998). Em sala de aula e, em nosso caso tendo como foco a disciplina de Libras no Ensino Superior, o docente surdo é o protagonista das decisões didáticas e o papel de ensinar Libras, ainda que sendo uma minoria linguística naquele espaço. Nesse sentido é que Nogueira, Borges, Carneiro e Frizzarini (2012) denominaram a presença do professor surdo em uma sala de maioria ouvintes com o termo *inclusão contrária*.

Com relação ainda à disciplina de Libras no Ensino Superior como componente obrigatória nas licenciaturas, o professor surdo tem prioridade na ocupação das vagas em relação a outros docentes ouvintes (Brasil, 2005). A inserção do docente surdo, com formação em Libras, é pertinente, uma vez que promove uma formação de futuros docentes ouvintes mais inclusiva e que, espera-se, tenham atitudes futuras em suas aulas com estudantes, também surdos, mais adequadas aos pressupostos da inclusão. Trata-se de uma interação entre duas culturas diferentes, o que favorece a tomada futura de decisões docentes para esses licenciandos, principalmente quando se depararem na condição de professores de surdos. Isso porque muitas das atitudes discriminatórias em relação aos surdos são construídas pelo desconhecimento desses e de sua língua e pela falta de oportunidades interativas que, ao nosso ver, é um privilégio por favorecer novos aprendizados.

Nessa perspectiva, o objetivo geral deste estudo foi investigar indícios da constituição da identidade profissional de docentes de Libras surdos que lecionam no Ensino Superior, bem como, identificar possíveis conflitos durante a inclusão de professores surdos nessa atuação profissional. Chamamos de indícios por entendermos que, para investigar a constituição de identidades, teríamos que dispor de um tempo demasiadamente maior, sendo que, aqui, nossa produção de dados foi por meio de entrevistas semiestruturadas, como discorreremos adiante. Na próxima seção, tratamos um pouco mais de aspectos relacionados à identidade profissional docente, tentando aproximar também de elementos da identidade e cultura surda.

Identidade profissional docente surda

A identidade de um grupo envolve questões filosóficas que surgem sobre nós mesmos em virtude de sermos pessoas inseridas em determinados contextos e diretamente influenciados por esses. Segundo o dicionário de filosofia de Abbagnano (2007, p. 528), a etimologia da palavra “identidade” deriva do latim *identitas*, definido pela “Qualidade através da qual um ou mais objetos de pensamento possuem propriedades iguais, ainda que designados distintamente”.

A nossa identidade apresenta contraste com as questões sobre nós mesmos que surgem em virtude de sermos seres vivos, conscientes. Ainda, a identidade de uma pessoa é contingente e temporária: a maneira como me defino como pessoa pode ter sido diferente e pode variar de um momento para outro. Por exemplo, ser um professor surdo de Libras pode pertencer à minha identidade, mas lecionar no espaço de Ensino Superior não. Esse espaço reúne características próprias. Por outro lado, a partir do momento em que um surdo passa a ser professor nesse espaço, ele ressignifica sua identidade, tanto de professor, quanto de surdo. Nesse sentido, as experiências que vamos desenvolvendo no decorrer de novas vidas vão impactando e reconfigurando nossas identidades.

Para Muller (2009), a identidade profissional de uma pessoa fornece orientação comportamental no local de trabalho e afeta a tomada de decisão moral, produção de desempenho e sucesso na carreira. A identidade profissional influencia a forma como os indivíduos reivindicam propósito, valor próprio e significado para si próprios e explica como contribuem para a sociedade (Muller, 2009).

Mas e com relação especificamente à identidades docentes e suas especificidades? Para Ponte e Chapman (2008), a identidade profissional docente pode ser relacionada a vários aspectos, como normas regulamentadas das profissões, a concepção de bons profissionais, da capacidade da reflexão acerca de sua atuação etc. Já para Antonio e Kelman (2019), algumas questões precisam ser consideradas para facilitar o desenvolvimento bem-sucedido e a mudança de identidade profissional docente. Alunos de licenciaturas, futuros professores, devem compreender o que são, o que não são e quem gostariam de ser.

A formação inicial de professores é um momento crucial quando muitos alunos são confrontados com a realidade da sala de aula pela primeira vez. Eles ingressam na formação de professores com sua experiência anterior como alunos em escolas. Estudo de Conceição Filho (2017) mostra que as crenças adquiridas antes da universidade formam sua compreensão do que é o bom ensino e o que é um professor eficaz. Essa percepção é frequentemente questionada ao longo da carreira do professor. Ou seja, enquanto estudantes ainda na Educação Básica, indiretamente, estamos nos constituindo professores e a ideia identitária do que precisamos para atuar como docente, ainda que a maioria não vá atuar profissionalmente no futuro como professores.

Mas e quando estamos tratando de professores surdos que, em sua maioria, conviveram apenas com referências de professores ouvintes não usuários da Libras? E em se tratando da atuação docente em uma disciplina recém lançada nos currículos do Ensino Superior, como é a Libras? E indo mais longe, e se pensarmos no Ensino Superior como um espaço ainda hostil aos surdos que ainda pouco o ocuparam? Para refletir um pouco acerca das especificidades de professores surdos, precisamos, de antemão, discutir um pouco acerca da cultura e identidades surdas.

A relevância e o interesse acadêmico em questões de identidade entre indivíduos surdos podem estar ligados ao surgimento do movimento da minoria cultural surda na década de 1970. Pessoas surdas têm, desde então, protestado contra uma visão da surdez como uma deficiência que deve ser curada e defendem a cultura surda como uma cultura única e as línguas de sinais como língua primeira da comunidade surda, em detrimento de uma abordagem oralista (Santos; Tsukamoto; Filietaz, 2013). Esse movimento vem no bojo de um outro maior, de pessoas com deficiência que defendem uma concepção mais social e menos médica.

Silva (2009) afirma que estudos relacionados a surdez defendem a ideia de que usar ou não uma língua de sinais é o que define prioritariamente a identidade do sujeito surdo. A autora destaca, por outro lado, que o conceito de identidade é complexo, sendo que não podemos constituir a identidade, exclusivamente, pela língua, mas considerando outros aspectos que se tensionam constantemente.

A formação da identidade docente surda e os seus aspectos é um processo longo, contínuo e que acontece em configurações contextuais diversas, assim como qualquer outro profissional. No caso dos surdos, a ideia da docência surda, de aproximar características do ser surdo com o ser professor ainda é mais recente, impulsionada principalmente a partir do Decreto nº 5626/2005 (Brasil, 2005), que deu prioridade para que surdos e surdas passassem a ocupar o espaço de docência na formação inicial.

Silva e Klein (2009), na pesquisa intitulada “*Professor surdo no espaço acadêmico: desafios e conquistas no exercício docente no ensino de Libras*”, apontaram que devemos enfatizar a natureza dinâmica da identidade profissional, levando em consideração o processo contínuo no qual a identidade é formada, construída e moldada. Com o estudo, os autores concluíram que uma identidade docente positiva é importante, pois pode ajudar os acadêmicos dos cursos de licenciaturas, futuros professores, a lidar com momentos críticos de sua carreira. Também apontam que a identidade profissional dos surdos, assim como dos ouvintes, não é fixa, mas é formada por meio de interpretações, atribuindo significado e prática cotidiana em vários contextos.

Gesser (2009) destaca, para a noção de identidade surda, o fato de que os surdos necessitam de se distinguir da maioria ouvinte por questão de maior visibilidade para suas pautas e, portanto, rogam por uma cultura própria, a cultura surda. E essa cultura interfere diretamente na constituição da identidade surda. Já nas palavras de Strobel (2008):

Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modifica-lo a fim de torna-lo acessível e habitável ajustando-os com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das almas das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo (Strobel, 2008, p.24).

Por outro lado, não podemos ignorar o fato de que precisamos falar em “culturas surdas”, já que outros fatores influenciam nessa constituição. A título de exemplo, se pensarmos em comunidades de surdos mais idosos, que conviveram na maior parte do tempo com abordagens oralistas de ensino, fatalmente esses terão características culturais e identitárias diferentes, por exemplo, de surdos mais jovens, com escolarização já sob a égide do bilinguismo (Libras como primeira língua e Português como segunda, na forma escrita). Ou mesmo se pensarmos que comunidades surdas de diferentes países também carregam características identitárias de onde nasceram. E isso tudo serve, também, para reforçar a ideia de quão complexo é a conceituação de identidades e o quanto elas ainda carecem serem mais bem investigadas, especialmente quando falamos de grupos que foram relegados de muitos espaços por serem excluídos e discriminados.

A Libras é uma língua decisiva na elaboração das formações discursivas dos surdos e a compreensão de seu discurso proporciona um maior entendimento da constituição da identidade surda, um elemento fundamental. Dessa forma, tem-se uma visão mais própria desse sujeito, uma vez que a surdez pode ser um processo de autoaceitação na formação da identidade do profissional docente surdo (Borba *et al.*, 2020).

A identidade surda não é uma função apenas do estado de audição, mas inclui internalização de valores e crenças com relação à afiliação com a comunidade surda, modalidade de linguagem e redes sociais. A comunidade surda, portanto, inclui alguns indivíduos que ouvem, como filhos ouvintes de pais surdos e outros indivíduos ouvintes com fortes laços com a comunidade surda (Agapito, 2015).

A escassez de profissionais surdos docentes no Brasil, segundo Rebouças (2019), justifica-se pela dificuldade de acesso e boa qualidade na escolarização dos alunos surdos. E quando esse acesso ocorre, a maioria não alcança níveis superiores de escolaridade, como graduação e pós-graduação, considerados essenciais para a formação docente. Mesmo assim,

a educação pode ser vista como uma ação inclusiva que proporciona ao surdo uma atuação profissional, inserindo-o no mercado de trabalho e garantindo sua condição de cidadão participante do contexto social (Santos; Tsukamoto; Fialho, 2013).

O decreto 5.626/2005 (Brasil, 2005) indica os surdos como profissionais com prioridade no ensino de disciplinas de Libras na graduação. O ensino de Libras por professores surdos é descrito por Sell (2020) como a maneira mais potente para os alunos conhecerem a cultura surda e para que desenvolvam uma segunda língua, já que tal fato se deve à legitimidade natural que este profissional possui. Apesar desse processo de inclusão com garantias legais, são poucos os estudos que relatam a presença de professores surdos no Ensino Superior, evidenciando situações como a descrita por Silva e Klein (2009), no estudo em que uma professora surda relatou como se sentia isolada e solitária pela dificuldade em se comunicar com outros professores, tanto para trocar experiência quanto para apoio.

O processo determinante da identidade surda é mais complexo do que se pode supor e não necessariamente representativo mesmo de grupos “óbvios”, como os usuários de língua de sinais. Além de estudos longitudinais que descrevem possíveis mudanças na identidade ao longo do tempo (aculturação), mais estudos são necessários enfocando os fatores associados à criação, manutenção ou mudanças nas identidades individuais e de subgrupo em vários marcos de desenvolvimento e educacionais. Esses estudos produziram informações de importância teórica e prática.

Tentamos, nesta seção, discutir brevemente o conceito de identidade, de identidade profissional, de identidade docente, de identidade surda e, por fim, de identidade docente surda. Na sequência, trazemos nossos procedimentos metodológicos para investigar indícios da constituição da identidade profissional de docentes surdos de Libras que lecionam no Ensino Superior

Nosso percurso metodológico

Adotamos nessa pesquisa uma abordagem de natureza qualitativa, do tipo descritiva e exploratória, embasados no objetivo definido, isto é, investigar indícios da constituição da identidade profissional de docentes de Libras surdos que lecionam no Ensino Superior. Demarcamos nossa investigação como pesquisa qualitativa, uma vez que envolve, dentre outras características, uma abordagem interpretativa do pesquisador. Para a produção dos dados, realizamos uma entrevista semiestruturada que, de acordo com Gil (2008), é uma técnica em que o pesquisador interage com o investigado por meio de um roteiro prévio de perguntas, sendo que tais perguntas podem ser do tipo abertas ou fechadas. Entretanto, sempre que se fizer necessário e com o objetivo de evitar distanciamentos do entrevistado em relação ao tema, o pesquisador pode reformular perguntas ou, até mesmo, inserir novas.

O roteiro das questões foi elaborado pensando no objetivo geral da pesquisa e nos profissionais envolvidos com esse estudo, abordando os seguintes temas: a comunicação dos entrevistados no ambiente familiar; possíveis influências de outras pessoas na escolha da profissão de professor de Libras; identificação ou não com a cultura surda; aspectos do período de escolarização do entrevistado, com destaque para sua relação com outros professores; a formação inicial já na faculdade para se tornar professor de Libras; aspectos já relacionados à atuação profissional como professor de Libras no Ensino Superior; políticas públicas para a atuação do docente surdo; características positivas e negativas para um professor³ etc.

³ Por motivos de respeito ao limite de laudas para este artigo, optamos por não inserir as perguntas como as mesmas estavam no roteiro.

Com a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa⁴, o projeto de pesquisa delimitou-se com docentes de Libras surdos que lecionam no Ensino Superior, em instituições públicas ou privadas do estado do Paraná. Foram convidados 05 (cinco) professores surdos que seguiram os seguintes critérios para seleção: a) Ensinar a disciplina de Libras nos cursos de licenciaturas; b) Lecionar no Ensino Superior; c) Ser surdo; d) Ter uma experiência profissional de no mínimo 01 (um) ano de acordo com os itens “a” e “b”. Os convites foram feitos via *WhatsApp*, sendo que esses professores foram todos indicados em reuniões do grupo de pesquisa do qual os dois autores deste texto participam.

Em seguida, apresentamos um quadro com o perfil profissional dos 05 (cinco) professores entrevistados, com os nomes fictícios, a formação acadêmica, o tempo de atuação profissional e o tipo de instituição em que atua no momento da entrevista. Entendemos que, para além das reflexões permitidas pelas entrevistas, esses dados biográficos iniciais também colaboram para a compreensão da identidade profissional de cada um deles.

Quadro 1. Perfil Profissional dos Entrevistados

PERFIL PROFISSIONAL DOS ENTREVISTADOS		
Nome fictício: Maria	Identidade e cultura: Surda	Pais: Ouvintes
Formação acadêmica: Letras/Libras	Tempo de atuação profissional: 16 anos.	
Tipo de instituição onde atua: Pública / Superior		
Tipo de Escolarização (Educação Básica): Escola comum e sem intérprete		
Nome fictício: Dayane	Identidade e cultura: Surda	Pais: Ouvintes
Formação acadêmica: Letras/Libras	Tempo de atuação profissional: 05 anos.	
Tipo de instituição onde atua: Privada / Superior		
Tipo de Escolarização (Educação Básica): Escola comum e sem intérprete		
Nome fictício: Amanda	Identidade e cultura: Surda	Pais: Ouvintes
Formação acadêmica: Pedagogia e Letras/Libras	Tempo de atuação profissional: 06 anos.	
Tipo de instituição onde atua: Pública e privada / Superior		
Tipo de Escolarização (Educação Básica): Escola comum e sem intérprete		
Nome fictício: João mãe surda	Identidade e cultura: Surda	Pais: Pai ouvinte e
Formação acadêmica: Educação Física e Letras/Libras	Tempo de atuação profissional: 02 anos.	
Tipo de instituição onde atua: Privada / Superior		
Tipo de Escolarização (Educação Básica): Escola comum e sem intérprete		
Nome fictício: Rafael	Identidade e cultura: Surda	Pais: Ouvintes
Formação acadêmica: Administração e Letras/Libras	Tempo de atuação profissional: 04 anos.	
Tipo de instituição onde atua: Privada / Superior		
Tipo de Escolarização (Educação Básica): Escola bilíngue para surdos		

Fonte: Dados da pesquisa.

Observa-se que todos os participantes são graduados em Letras/Libras e suas atuações ocorrem tanto em instituições privadas quanto públicas. Nota-se, também, que no perfil dos entrevistados o tempo de atuação profissional, na maioria, é recente, ou seja, de 02 (dois) a 06 (seis) anos. Apenas *Maria* leciona há mais de 16 anos, mas não sendo todo esse tempo na disciplina de Libras no Ensino Superior. Por fim, todos são filhos de ouvintes, com exceção de João, cuja mãe é surda.

Os encontros foram gravados em vídeo e realizados individualmente, via chamadas da plataforma *GoogleMeet*. Ressaltamos que as entrevistas foram realizadas em Libras pela pesquisadora (2ª autora deste texto), que é ouvinte e também formada em Letras/Libras, atuando como docente dessa componente. A primeira entrevista foi, a princípio, tomada como do tipo entrevista piloto, tendo sido realizada com *Maria*. Esse procedimento inicial foi fundamental para o desenvolvimento das demais entrevistas, pois, constatou-se, além de outros

⁴ Parecer favorável n.º 3.852.111/CEP-Unespar.

aspectos, as variações que a Língua Brasileira de Sinais (Libras) possui e a dificuldade da entrevistadora com alguns sinais, mesmo sendo também formada em Letras/Libras. Com isso, optou-se pela solicitação de outro profissional intérprete como apoio para as traduções/transcrições da Libras para o Português. Tal cuidado se justifica, também, para evitarmos possíveis desvios nos sentidos pretendidos pelos entrevistados. Ao final, optamos por manter a entrevista piloto no *corpus* da pesquisa para posterior análise.

De posse das gravações, partiu-se para as transcrições de acordo com a estrutura gramatical da língua sinalizada, ou seja, obedecemos a um sistema de tradução e interpretação peculiar da Libras e não a do Português em sua norma culta. Brito (1995) afirma que é imprescindível que uma transcrição que objetiva gerar conteúdo em Libras seja capaz de adaptar-se à estrutura dessa língua. As palavras da Língua Portuguesa, de acordo com sua classe gramatical, sofrem flexão de gênero, número, modo, tempo, voz e grau. A Libras não possui essas classes, assim como outras línguas diferentes. Em inglês, por exemplo, há apenas uma forma para artigo definido: “*the*”. A ausência disso em uma língua não a inferioriza, apenas são formas distintas para noticiar os mesmos conceitos (Brito, 1995).

As conjunções, artigos e preposições não são sinalizados ou transcritos na Libras. Pode-se sinalizar em Libras: VOCÊ GOSTAR CURSO? ou CURSO VOCÊ GOSTAR?. Tal expressão pode ser traduzida para o português como: Você gosta do curso? O exemplo demonstra que a conjugação do verbo gostar não está de acordo com o padrão da Língua Portuguesa e o sinal de interrogação é deduzido no contexto da frase, uma vez que a expressão facial é utilizada para substituir a entonação de pergunta. Assim, considerando todos esses aspectos que caracterizam a Libras, a tradução direta está no contexto do conteúdo sinalizado. Destacamos no quadro a seguir um modelo de transcrição baseada na língua sinalizada e uma possível versão na Língua Portuguesa, que orientou nosso trabalho de transcrição.

Quadro 2. Exemplos de transcrição de enunciados em Libras

LIBRAS	PORTUGUÊS
homem velh@	Vovô
comer comer comer	comer sem parar
gat@ pequen@ cor branc@ espert@	O gato é pequeno, branco e esperto

Fonte: Dados da pesquisa.

É importante citar que o processo de transcrição de Libras não é feito meramente traduzindo palavra por palavra. Esse sistema de tradução visa abranger níveis linguísticos da Libras, constituindo em análises com características próprias da linguagem dos surdos. Assim, de posse das transcrições das entrevistas, passamos para a análise dos dados, na qual nos apoiamos em alguns dos elementos da Análise de Conteúdo (AC).

Segundo Moraes (1999), a AC é um método de análise utilizado para descrever e interpretar o conteúdo de documentos e textos. Essa análise conduz a descrições sistemáticas que ajudam a reinterpretar as mensagens e a alcançar uma compreensão de seus significados, para além de uma leitura comum. Ainda de acordo com Moraes (1999), o procedimento para a aplicação da AC é composto em cinco etapas: *Preparação das Informações, Unitarização, Categorização, Descrição e Interpretação*.

Para a etapa de *Preparação das Informações*, nessa pesquisa, considerou-se a transcrição das entrevistas e todo o preparo anterior necessário. Assistiu-se às gravações das entrevistas, bem como, realizou-se por várias vezes a leitura das transcrições para verificação e análise das informações que estavam relacionadas com o objetivo da investigação.

Na *Unitarização*, consideramos o que propõe Moraes (1999) para essa etapa, que é a

interpretação e o isolamento de informações essenciais após uma leitura cuidadosa. No nosso caso, a *Unitarização* ocorreu através das transcrições das entrevistas, na qual se extraiu fragmentos da textualização, denominados unidades de significado. Para Garnica (1997), unidades de significado constituem em “[...] recortes julgados significativos pelo pesquisador, dentre os vários pontos aos quais a descrição pode levá-lo [...]”. Assim, na separação das unidades, buscamos nas transcrições elementos que contribuem para a identificação de indícios da constituição da identidade do profissional docente surdo de Libras. Para a organização das descrições, utilizamos códigos para cada unidade de significado. Desse modo, o código U1PM refere-se à Unidade de Significado (U) 1 da professora Maria (PM), e assim sucessivamente.

Na *Descrição das ideias individuais*, realizamos as descrições isoladamente de cada participante. Não basta a pura descrição das mensagens, nessa etapa é preciso ir além, ou seja, é necessário elaborar uma aprofundada compreensão dos conteúdos das mensagens de cada sujeito e interpretá-las.

Uma vez identificadas e codificadas todas as unidades de significado de cada discurso e com a descrição das ideias de cada entrevistado, a etapa seguinte é a de *Categorização* das unidades. Moraes (1999) entende a *Categorização* como “[...] uma operação de classificação dos elementos de uma mensagem seguindo determinados critérios. Ela facilita a análise da informação, mas deve fundamentar-se numa definição precisa do problema, dos objetivos e dos elementos utilizados na análise de conteúdo” (Moraes, 1999, p. 07). Ressaltamos que, nesta pesquisa, a categorização se realizou a partir da convergência de temáticas semelhantes ou aspectos abordados por dois ou mais entrevistados.

Para cada categoria identificada, as mesmas eram nomeadas respeitando o tema que estava sendo abordado naquele conjunto de unidades de significado. Com isso, chegamos às seguintes categorias: *A cultura e identidade como fatores de influência na constituição docente surda; A influência positiva de outros professores surdos na trajetória de busca pela carreira docente; Contribuições da formação docente para a constituição da identidade do professor surdo; A falta de acesso à integração do professor surdo na instituição de Ensino Superior; e A busca por igualdade como fator da constituição da sua identidade.*

Na sequência, trazemos nossa descrição e análise dos dados.

Descrição e análise dos dados

Neste subtítulo, buscamos dois movimentos: o de descrever os dados a partir das ideias individuais dos entrevistados; e o de promover nossa análise dos dados a partir das categorias já anunciadas. Com relação ao primeiro movimento, de descrição, fizemos uma leitura cuidadosa das transcrições das entrevistas e, na sequência, agrupamos as unidades de significado extraídas de cada participante por meio de temas. Com as unidades, passamos para um exercício de descrição de como pensam os entrevistados em relação aos temas tratados, a partir de um texto escrito em terceira pessoa para se referir a eles.

As descrições individuais contribuem para que o leitor compreenda melhor acerca de como pensam os entrevistados, individualmente, para, depois, com as categorias, buscarmos uma análise mais coletiva pautada na reunião das ideias de todos os entrevistados. Considerando a limitação de espaço para um texto no formato de artigo, optamos aqui por trazer apenas uma das descrições individuais das ideias, a da professora Maria.

Descrição das ideias da professora Maria

Maria é professora de Libras, atuava como docente há 16 (dezesesseis) anos e em 2020 foi professora dos cursos de licenciatura de uma instituição pública de nível superior. A professora iniciou a entrevista revelando como se dava a sua comunicação no ambiente familiar e qual língua era utilizada para comunicação. Os pais são ouvintes, porém, a mãe é fluente em Libras, sendo que a maioria de seus familiares atua na profissão de professor.

Na opinião da entrevistada, as pessoas veem os surdos como sendo todos iguais - estereotipados pela surdez e pelo uso de Libras. Além disso, segundo Maria, os ouvintes discriminam a identidade assumida pelo sujeito surdo. Na sua concepção, a cultura do indivíduo está de acordo com o grupo a que pertence e/ou se identifica, assim como os ouvintes se identificam como negros, idosos, homossexuais, entre outros, os surdos também pertencem a grupos que valorizam a sua identidade. Em outras palavras, ela está nos dizendo que, apesar da cultura surda aproximar dois surdos diferentes, eles continuam sendo diferentes em outros aspectos, assim como qualquer ouvinte.

U11PM: [...] *Sentir meu jeito cultural [...] língua de sinais [...] preconceito porque não ouvir [...] sou surda única.*

U13PM: [...] *identidade surda preconceito [...] precisar aceitar [...] grupo ouvinte multicultural.*

Maria foi questionada sobre a sua escolarização e informou que frequentou uma escola para ouvintes sem nenhum acompanhamento de intérprete, ou seja, a língua de sinais não foi veiculada de maneira institucionalizada na escola durante sua escolarização. E isso acarretou um descontentamento com a Língua Portuguesa, já que realizava cópias durante as aulas sem favorecimento de sua compreensão. Maria não atribui a nenhum professor ouvinte (da Educação Básica) uma lembrança especial, pois, no ano de 2000, não havia uma educação voltada para alunos surdos, atribuindo o seu sucesso na Educação Básica ao seu esforço e à sua busca pela escolarização.

U17PM: [...] *não ter intérprete [...] mundo ouvinte [...] Escola só Português.*

No entanto, a relação com o Ensino Superior para Maria foi mais bem sucedida, uma vez que o curso de Letras/Libras foi pautado na condição bilíngue do surdo e no respeito à comunidade surda. Maria não relatou dificuldades e sentiu-se satisfeita com todas as disciplinas ofertadas no Ensino Superior. Além disso, havia surdos no quadro de professores, favorecendo uma boa relação com os docentes, apontando duas docentes como exemplo a ser seguido na sua carreira profissional.

U30PM: [...] *Letras/Libras nada difícil [...] aula Libras ver [...] mundo surdo.*

U33PM: [...] *gostar de tudo gostar toda disciplina [...] Não ter dificuldade nada.*

U34PM: [...] *faculdade Letras/Libras ter surdo professor.*

Segundo Maria, as suas primeiras experiências como professora, ainda na formação inicial (por exemplo: estágios), se deu de uma maneira tranquila, uma vez que houve uma interação entre os acadêmicos surdos e ouvintes da sua turma de graduação, sendo ela ajudada por ouvintes e ajudando-os com a interpretação da Libras para as atividades. Isso se justifica, pois, é comum um percentual maior de surdos em cursos de Letras/Libras em comparação a outras licenciaturas.

U36PM: [...] *amigos juntos estudar [...] me ajudar [...] ajudar também Libras.*

Quando questionada sobre aspectos da sua graduação que foram mais importantes para a sua atuação como docente, Maria relatou que as disciplinas voltadas, especificamente, para o ensino de Libras contribuíram significativamente, uma vez que, na sua escolarização, não

havia material didático para trabalhar com os alunos surdos.

Sobre o início de sua atuação como professora de Libras no Ensino Superior, a entrevistada relatou que a comunicação com os colegas de profissão e estudantes foi difícil e se deu de maneira oralizada, na maioria das vezes. Ressaltou que a sua identidade surda não é valorizada nas situações de interação com os demais professores e/ou em questões administrativas, como em reuniões departamentais.

U40PM: [...] trabalho oral difícil [...] conversar mensagem WhatsApp [...]

U41PM: [...] Escrever mostrar responder...duro.

Uma informação de Maria nos chamou a atenção ao relatar que alguns alunos se assustam ao saber que a professora de Libras é surda, porém, ao longo das suas aulas, esses alunos vão se acostumando com a sua metodologia e, conseqüentemente, com o fato de ter como autoridade na sala uma docente surda.

U45PM: [...] aluno novo assustar porque ser surda[...] ansioso, passar primeira, segunda, terceira aula acostumar [...].

Maria afirmou que costuma seguir as suas próprias práticas docentes e não admite copiar práticas de outros professores. Admite, também, que um professor orienta e ensina, mas que o aluno deve adequar-se à sua realidade e ao seu jeito de ser, ou seja, adaptar-se com uma professora surda e com o uso de Libras dentro da sala de aula.

Maria alegou que são necessárias políticas públicas para melhorar a atuação profissional docente enquanto surda e que o ensino de Libras deve ser desde o Ensino Fundamental, bem como, devem ocorrer mais ofertas do curso de Letras/Libras.

U61PM: [...] Política ensinar sentir falta [...] começar 1º ao 9º ano disciplina Libras.

U62PM: [...] Libras escola não ter disciplina [...] só faculdade [...] atrasado aprender.

Diante do questionamento de uma escolha dentre os professores que teve, qual teria sido para ela uma referência de educador em sua própria prática, Maria respondeu que há características que não se esquecem, por exemplo: ter paciência com o ensino, respeitar a diversidade de cada sujeito, possuir um bom conhecimento. Na sua definição de docente, ela expõe suas principais características, como interação, ajuda, conhecimento próprio de sua identidade, romper paradigmas e estereótipos, além de ser responsável pelas suas escolhas ao assumirem uma identidade surda ou oralista.

A seguir, passamos para nossa análise dos dados por meio das categorias de convergência.

Análise das Categorias de Convergência

A seguir, apresentamos um quadro com as Categorias que foram elencadas a partir da convergência de duas ou mais Unidades de Significado. Ou seja, sempre que dois ou mais diferentes entrevistados tratassem de uma temática e que essa temática estivesse relacionada com nosso problema de investigação, definíamos uma categoria, dando um nome a elas. As Unidades estão relacionadas no quadro, assim como a exemplificação de apenas alguns dos excertos.

Quadro 4. Categorias de Convergência

Nº	CATEGORIAS DE CONVERGÊNCIA	UNIDADES DE SIGNIFICADO	EXCERTOS DE UNIDADES CONVERGENTES
1	A cultura e identidade como fatores de influência na constituição docente surda	U7PJ, U17PJ, U10PD, U11PD, U12PD, U19PD, U5PR, U9PR e U12PR	[...] <i>identidade cultura surda.</i> [...] <i>querer ensinar igual professor surdo [...] usar Libras.</i> [...] <i>ser surda [...] identidade surda [...]</i>
2	A influência positiva de outros professores surdos na trajetória de busca pela carreira docente	U12PA, U15PA, U6PD, U7PD, U9PD, U10PD, U14PD, U29PD, U36PD, U5PR, U6PR, U14PR, U15PR, U16PR, U20PR, U32PR, U35PR, U17PJ, U25PJ e U26PJ	<i>Eu aprender estratégia professo @ surd @ Libras..</i> [...] <i>Eu lembrar bons professor @ surd @ escola.</i> [...] <i>eu querer ser professor @ surd @ [...]</i> [...] <i>eu gostar como professor @ ensinar [...]</i>
3	Contribuições da formação docente para a constituição da identidade do professor surdo	U20PJ, U23PJ, U16PR, U18PR, U20PR, U28PMe U24PA	<i>Estágio eu identificar escola professor @ [...] ver como professor @</i> <i>Aprender ensinar [...]</i>
4	A falta de acesso do professor surdo na instituição de Ensino Superior e a busca por igualdade como fator da constituição da sua identidade	U40PM, U41PM, U46PM, U65PM, U8PR, U12PR, U17PD, U25PD, U30PD, U31PD, U32PD e U37PD	<i>Professor @ surd @ não só Libras ensinar</i> <i>Surdo bom muitas disciplinas ensinar</i> [...] <i>professor @ surd @ ensinar alun @ surdo e ouvinte</i>

Fonte: Dados da pesquisa.

Seguem, agora, nossas análises em torno das categorias de convergência.

A cultura e identidade como fatores de influência na constituição docente surda

Nesta categoria, são reunidos dois fatores, cultura e identidade surda que, segundo os discursos dos entrevistados, influenciam na constituição identitária do docente surdo. Segundo Laraia (2002), cultura é um fenômeno natural que pode possuir regularidades e causas, uma vez que todos os indivíduos e sociedades são capazes de produzirem padrões culturais. Além disso, possui características de modo de vida, bem como pode ser compreendida como instrumento de reconhecimento, pois a cultura influencia nossas decisões.

Semelhante à ideia de cultura, Perlin (1998) aponta que a identidade surda pode fazer parte da vida social e não só específica de um sujeito ou grupo, mas pode ser um instrumento de reivindicação individual ou coletiva para impor a sua identidade. No entanto, tem-se a sua diferença enquanto grupo destacada exatamente para ser respeitada. E isso significa perceber que há diferentes formas de compreensão de ideias, apreensão das coisas, expressão de pensamento e, principalmente no caso dos surdos, uma língua diferente.

Para essa primeira categoria, surgiram dez unidades de significado elencadas por 3 (três) entrevistados. Os professores questionados revelam possuir uma cultura surda e sentir orgulho

em ser professor surdo. Esses docentes apresentam características culturais baseadas na experiência visual como determinante em seu comportamento, utilizam-se da Libras, bem como transmitem um posicionamento resistente diante dos direitos e demais aspectos de vida dos surdos.

U12PD: *sou surda [...] identidade surda.*

U7PJ: *Identidade cultura surda professor.*

Em relação às afirmações dos entrevistados de que a sua identidade docente está atrelada à sua cultura surda, vemos nos estudos de Pimenta e Anastasiou (2002) que a identidade é mutável, mas é um processo de construção historicamente adquirida com múltiplas relações, sendo assim, os sujeitos aprendem a ser professores de acordo com as representações culturais que estão inseridos, neste caso, a cultura surda.

Muitos educadores partilham suas experiências, assim como os docentes surdos, com identidade surda, também dividem com outros surdos seus conhecimentos e estão ativamente envolvidos, sem abordar qualquer conteúdo de inferioridade sobre a sua condição de surdez, bem como, são conscientes da identidade profissional que construíram. Portanto, entendemos a razão dos surdos defenderem e preservarem a sua cultura e identidade, pois transmitem essa cultura e posicionamento aos demais surdos, principalmente, quando são seus alunos e futuros docentes.

Para Nóvoa (1995), a identidade do professor é construída dentro de um processo histórico-cultural e formada na relação com os outros sujeitos nesse processo, gerando novas identidades em constante transformação. Os entrevistados Dayane e Rafael afirmaram gostar de ensinar seguindo exemplos de professores surdos com identidade e cultura surda assumidas e que a influência desse profissional surdo é um fator para a constituição da sua própria identidade.

U10PD: *Querer ensinar igual professor surdo.*

Nota-se que há uma preocupação dos professores entrevistados em deixar evidente que, além da sua identidade surda, também possuem cultura surda. Entendemos que esses dois fatores são indissociáveis na constituição da identidade do docente surdo. Para Perlin (1998), tanto a identidade como a cultura surda podem ser compreendidas como instrumento de reconhecimento, não só particulariza um indivíduo, mas pode servir como uma marcação positiva. Segundo Dayane, Amanda e Rafael, a cultura e identidade surda englobam muitos elementos de sua vivência, é um modo de vida do surdo, como interage em sociedade etc.

A descrição que um indivíduo faz de si expressa suas orientações e valores a respeito da sua prática profissional. E “essa descrição traz consigo as emoções, que não são essencialmente idiossincráticas (de personalidade ou de estilo próprio), mas constituem aspecto fundamental do trabalho docente” (Oliveira; Cyrino, 2011, p. 114). Assim, a individualidade da pessoa está conectada à sua atuação docente. O modo como um sujeito se define contribui para a constituição da sua identidade.

Entendemos que o educador surdo, ao possuir uma identidade surda, traz representações que fortalecem a sua atuação e marcação em uma comunidade e que compartilham experiências e dificuldades. Enfim, caracterizar-se como surdo é admitir o reconhecimento de seus direitos linguísticos e, principalmente, da sua cultura.

Falar sobre a Cultura Surda é um desafio para nós, ouvintes, uma vez que pouco a conhecemos na condição de ouvintes. Vale lembrar que o que constitui a independência de um

povo é a sua língua e seus costumes. Aquilo que ninguém pode tirar e/ou tem o direito de modificar. Portanto, se com os ouvintes de quaisquer lugares do mundo é assim, com os surdos não haveria de ser diferente.

Por fim, Amanda, Dayane e Rafael entendem que o uso da Libras também contribui para o seu reconhecimento como professor surdo de Libras e que faz parte da sua cultura. Destacam que uma comunicação por meio da Libras define a sua identidade docente surda.

U7PA: *Eu usar Libras [...] ser surda [...].*

U11PD: *[...] usar Libras.*

U5PR: *[...] professor surdo Libras.*

Ao reconhecer uma identidade repleta de cultura própria e interação a partir de uma língua comum, compreendemos que os surdos, a partir do uso da Libras como língua constitui um fator de identidade própria. No entanto, é importante ressaltar que a constituição da identidade surda não se dá, apenas, pelo fato da presença da língua de sinais, mas sim pela possibilidade de compor-se no mundo constituindo a sua própria língua e relações sociais (Perlin, 1998). Trata-se, mais do que isso, do direito de ser surdo e viver como tal.

A influência positiva de outros professores surdos na trajetória de busca pela carreira docente

Neste tópico, destacamos as percepções dos entrevistados a respeito do quanto foram influenciados por outros docentes que passaram por suas escolarizações, tanto na Educação Básica como em nível Superior. Foram consideradas 19 (dezenove) unidades de significado elencadas por 4 (quatro) professores, apresentando o papel que esses docentes desenvolveram na escolha da sua profissão, bem como, a influência na decisão em ser professor.

Entendemos que a escolha da profissão docente tem relação com exemplos de um “bom professor”, sendo que lembramos de antigos educadores, não apenas pelo conhecimento e domínio de conteúdos que apresentavam, mas também, por outras ações significativas, como empatia, diálogo etc. Isso nos permite concluir que, também a partir dessas referências positivas, construímos nossas próprias identidades enquanto discentes e futuros docentes.

Na opinião destes entrevistados, os professores que apresentaram bons métodos de ensino e que eles se identificaram na formação são, na maioria dos casos, docentes surdos. Esses profissionais exerceram, diretamente, definições de educação de boa qualidade na escola e na sociedade, tornando-se referências acerca do trabalho da docência.

U29PD: *Eu aprender estratégia professor @ surdo [...].*

U10PM: *[...] querer ensinar igual meu professor @ surdo.*

Ter em sala de aula um professor surdo, na Educação Básica ou no Ensino Superior, é considerado pelos docentes João, Dayane, Rafael e Maria como um potencializador para o reconhecimento da sua identidade docente surda. É destinar o olhar para um profissional que se espera seguir como referência. Dessa forma, “a formação de estudantes surdos é fortalecida quando eles têm oportunidade de interagir com seus pares surdos” (Lage; Kelman, 2019, p. 2).

U20PR: *Identificar professor @ surd @ [...] igual nossa cultura surda*

U26PJ: *[...] professor @ surd @ método melhor explicar surdo alun @*

Na educação brasileira, houve um significativo aumento de docentes surdos lecionando no Ensino Superior. O que colaborou para esse cenário, dentre outros fatores, foi a publicação do decreto nº 5.626/2005 (Brasil, 2005), bem como a criação dos cursos de Letras/Libras. Além disso, a implantação da disciplina de Libras em cursos de licenciatura permitiu uma discussão histórica e cultural dos sujeitos surdos, com destaque para sua língua.

Lage e Kelman (2019) realizaram um estudo intitulado “*Educação de surdos pelo professor surdo, Ferdinand Berthier: encarando desconcertantes paradoxos e longevas lições*”, que objetivou apresentar narrativas do professor surdo sobre a sua educação. A pesquisa apontou preocupações quanto à educação dos surdos nos dias atuais, bem como, reconheceu grandes avanços no uso da língua de sinais no que diz respeito à imersão no contexto educacional. Concluíram, ainda, que o desejo que estimulou Berthier à carreira da docência foi o contato com a cultura surda, incluindo o uso da língua de sinais. Mas, também, o fato de ter influências de professores surdos em sua trajetória educacional.

Há muitos fatores que levam o indivíduo na escolha pela docência. Tardif (2012, p. 213) afirma que “[...] esses fatores estão relacionados a forma como os sujeitos aprendem e realizam suas interpretações do que consideram um bom professor, a partir disso, constroem suas próprias identidades enquanto docentes”. De acordo com três entrevistados, Rafael, João e Amanda, além de lembrarem-se de seus antigos professores, os definiram como “bom professor”.

U35PR: *Eu lembrar professora Ercilia [...] ela boa Libras*

U25PJ: *Eu lembrar todos bom professor@ surd@*

U12PA: *Eu lembrar dois professor@ especial Silvanete Conceição*

Identificamos na análise que as boas experiências vivenciadas na formação que motivaram os surdos na busca pela docência e/ou que constituíram a sua identidade surda não estão, apenas, associadas a aspectos como domínio do conhecimento a ser ensinado ou boas condutas metodológicas de ensino, mas atreladas, principalmente, à figura de um docente surdo com identidade e cultura surda.

A influência positiva, também, se deve ao fato de que esses profissionais foram lembrados pelas metodologias utilizadas com alunos surdos. Por exemplo, a comunicação com os alunos por meio da língua de sinais, a troca de informações sobre aspectos da disciplina lecionada pelo professor, mas, também, pela representatividade do surdo na docência.

U6PR: *Um professor@ surd@ trocar informações [...] ajudar alun@ surd@.*

U15PM: *Professor@ surd@ comunicar [...] ensinar surd@.*

U17PJ: *Professor@ surd@ método muito bom Libras.*

As práticas docentes desenvolvidas pelos professores surdos são voltadas para o ensino de Libras, na sua língua e com valorização da sua cultura. Enxergam os alunos surdos como eles são – surdos. Entendemos que, para a definição e redefinição de uma identidade docente, bem como, diante das narrativas dos professores entrevistados, é necessário, também, discutir as boas práticas de ensino realizadas por outros educadores surdos como referência.

Contribuições da formação docente para a constituição da identidade do professor surdo

Nesta categoria, serão discutidas as contribuições da formação docente para a constituição da identidade do professor surdo. Consequentemente, trazemos as compreensões dos entrevistados relacionadas aos saberes profissionais que foram veiculados na graduação em licenciatura Letras/Libras e quais contribuições foram reconhecidas por eles. Emergiram 10 (dez) unidades de significado reveladas por 4 (quatro) entrevistados.

Tardif (2012) aborda que os saberes profissionais do professor são possibilitados nos cursos de educação, no Ensino Superior. Segundo o autor “o saber docente é composto por saberes disciplinares, curriculares, profissionais e experienciais” (Tardif, 2012, p. 390). Esses saberes correspondem às diferentes áreas do conhecimento e são pensados para serem incorporados às práticas docente. Os saberes experienciais resultam do cotidiano, surgem ainda na experiência enquanto acadêmico e podem colaborar para a constituição da sua identidade docente. Os entrevistados demonstraram que, ao aprender a se projetar como professor, transformaram os significados que eles tinham de si próprios e passaram a se identificarem com a profissão docente. Nesse sentido, os entrevistados ressignificaram as experiências de professorado a partir da formação inicial.

U16PR: *Professor@ faculdade eu ver bom ensinar [...] querer ensinar igual*

U22PJ: *[...] aprender ensinar*

A identidade profissional da docência é um processo evolutivo de interpretação e reinterpretação de ser professor. Um dos momentos formativos mais potentes para se pensar na atuação como professor na formação inicial é nos Estágios Supervisionados. Esse é considerado um item indispensável para o currículo, uma vez que proporciona ao futuro professor a oportunidade da prática profissional que, para a maioria, pode representar sua primeira experiência ensinando para uma turma.

Pimenta (1997, p. 21) compreende o Estágio Supervisionado como “as atividades que os acadêmicos deverão realizar durante o seu curso de formação, junto ao futuro campo de trabalho”. Em relação à formação docente e a experiência vivenciada com o Estágio Supervisionado, os docentes Amanda e João relataram positivamente a prática dessa atividade.

U21PA: *Estágio importante porque aprender ser professor@*

U23PJ: *Experiência estágio ser importante [...] gostar ensinar*

O objetivo dos estágios é a prática do licenciamento para exercer a profissão do magistério. Nessa prática, o professor constrói um ideário para a sua carreira. Cyrino (2016, p. 151) corrobora com a opinião de que a identidade docente “é produzida como uma experiência vivida de participação com a qual se convive no cotidiano”. Assim, pode-se compreender que a formação docente contribui para o desenvolvimento da identidade docente, não como um produto, mas como um processo dinâmico.

No processo formativo para o magistério, o futuro docente constrói os seus conhecimentos de educador, bem como obtém suporte para exercer a sua prática educativa com segurança e autonomia. Entretanto, ressaltamos que a identidade dos professores, surdos ou ouvintes, é construída continuamente, pela formação e pela socialização em instituições de ensino. É isto que definirá as suas concepções que apresentarão sobre a docência (Tardif, 2012). As professoras Maria e Amanda relataram a importância de aprender a ensinar, para, assim, desenvolverem os seus próprios métodos de ensino e, consequentemente, construir a sua própria identidade profissional.

U24PA: *Observar professor@ [...] desenvolver meu jeito ensinar [...]*

U28PM: *[...] aprender ensinar [...] agora ensinar minha maneira [...] curso eu professor@.*

Os professores principiam a construção da sua identidade profissional a partir das experiências que tiveram como aluno, ainda na Educação Básica. No entanto, eles reelaboram a sua concepção da docência no curso de formação docente, pois transformam saberes docentes em práticas educativas que contribuem para o processo de constituição da sua própria identidade de professor.

A falta de acesso à integração do professor surdo na instituição de Ensino Superior e a busca por igualdade como fator da constituição da sua identidade

Estão reunidas nesta unidade percepções acerca das dificuldades enfrentadas pelos docentes surdos no Ensino Superior como campo de trabalho. De maneira mais direta, os entrevistados buscam discutir a falta de igualdade em relação aos docentes ouvintes dentro das instituições de Ensino Superior e destacam essa preocupação como um fator para a constituição da sua identidade docente, ao se verem como uma minoria nos quadros docentes de suas instituições e departamentos.

Apontamos aqui 12 (doze) unidades de análise pautadas pelos entrevistados Maria, Dayane e Rafael. Esses professores sustentam que há um avanço no processo de inclusão no âmbito profissional dos surdos, porém, há muitos estereótipos a serem ressignificados. Uma das dificuldades relatadas pelas professoras Maria e Dayane é a comunicação entre os colegas de trabalho que, ainda, se dá por mensagens de celulares ou e-mail, ou seja, há uma desvalorização da língua utilizada pelos docentes surdos, a Libras.

U46PM: *Sem comunicação [...] usar WhatsApp [...]*

Gesser (2009) apresenta algumas contribuições para pensarmos o assunto de que reconhecer a importância da língua de sinais como meio de comunicação é conceber a representação da identidade surda ao sujeito surdo. A ideia de inclusão e de respeito a uma cultura é desenvolvida no sistema educacional para valorizar cada indivíduo e estimular a todos com base para o sucesso profissional. Ora, se esses docentes, que ocupam a função de ensinar Libras, não puderem se expressar nessa mesma língua, vemos aí uma grande incoerência.

Dos 5 (cinco) professores, Maria, Rafael e Dayane apontaram com decepção como os colegas de profissão se comunicam com eles, por meio de mensagem escrita ou por celular, sempre em Português e nunca em Libras. Segundo esses educadores, é necessário romper velhos paradigmas sobre o surdo ser uma pessoa deficiente e buscarem meios para conviverem e solucionarem suas necessidades em grupos ou individuais.

U40PM: *[...] conversar surdo mensagem [...]*

U38PD: *[...] conversar surdo escrever mostrar [...] não respeitar cultura surda [...]*

Após a publicação do Decreto nº 5.626/2005 (Brasil, 2005), permaneceu obrigatória a inserção da disciplina de Libras nos cursos de Licenciatura, sendo a preferência para lecionar essa disciplina do professor surdo. Os professores Dayane e Rafael são responsáveis por ensinar Libras nas instituições que trabalham, no entanto, eles também gostariam de lecionar

outras disciplinas, levantando uma outra possibilidade, quiçá, para pensarmos no futuro da atuação dos docentes surdos.

U40PR: *Professor surdo não só ensinar Libras [...]*

U37PD: *[...] surdo bom muitas disciplinas [...]*

Embora a inserção da disciplina de Libras seja um avanço, há um descompasso no que se refere à estereotipação dos professores surdos e isso ocorre quando acreditamos que apenas possam ensinar essa disciplina específica. Julgamos, por muitas vezes, que o docente surdo está na profissão da docência, como professor de Libras, pelo fato de ser surdo, e que só essa disciplina pode ser ocupada por esse. Entendemos, entretanto, que esse será um avanço futuro, o de que outras disciplinas sejam lecionadas por surdas e surdos, e não somente a Libras.

Foi possível perceber nas narrativas desses docentes que a sua identidade profissional é construída a partir dos desafios e trajetórias vivenciadas ao longo da carreira, e nesse processo de construção da sua identidade oferecem os seus conhecimentos, vivência e cultura. Assim, entende-se que a identidade de um professor é construída por interpretações que realizam de si e dos sujeitos envolvidos, atribuindo significados das práticas nos diversos contextos do cotidiano.

Outro aspecto que merece destaque nesta categoria é o papel do profissional intérprete na relação professor surdo e os seus alunos. A professora Dayane relatou que não utiliza os serviços desse profissional em suas aulas, ela acredita que o professor deve ser o responsável pela disciplina e pela comunicação em sala de aula, bem como compreende que seus alunos precisam compreender que a surdez é uma cultura diversa que constitui sua própria língua e que o indivíduo surdo e o ouvinte entendem o mundo de forma diferente.

U30PD: *Eu conseguir ensinar Libras [...] comunicar alunos [...] nunca usar intérprete.*

Ressaltamos que o intérprete é fundamental para a comunicação entre surdos e todos que lhe cercam. Sua função é traduzir para pessoas que compartilham línguas e culturas diferentes. E isso precisa ser ampliado, como vemos aqui nas denúncias feitas pelos entrevistados, nas reuniões com outros docentes ouvintes que são companheiros de trabalho dos surdos.

Por muito tempo, o professor surdo ensinava, especificamente, alunos surdos. Porém, atualmente essa realidade vem se modificando no cenário do Ensino Superior com a presença desses docentes. Os discursos selecionados para esse tópico estão de acordo com o pensamento de Lunardi (2001) em que defende a luta da inserção do educador surdo no Ensino Superior, bem como, a constituição da identidade do profissional surdo que contribui, significativamente, para a constituição da identidade de seus alunos, futuros docentes. Mas, para isso, precisamos avançar na inclusão do docente surdo em todos os espaços, não somente na condição docente, mas nas discussões administrativas etc.

Considerações finais

A base de dados dessa pesquisa se formou a partir das compreensões e das perspectivas de professores e professoras surdos que atuam no Ensino Superior, na disciplina de Libras. Foram descritas suas experiências, anseios, os caminhos percorridos e, entendemos, alguns indícios da constituição da sua identidade profissional, que, em comparação a outros grupos docentes, ainda é “nova”.

As narrativas aqui expostas abriram espaço para relatos das trajetórias desde a escolarização até a escolha da docência de Maria, Amanda, Dayane, Rafael e João. Os caminhos percorridos por esses cinco professores surdos, à primeira vista, não são diferentes de outros educadores. O que difere essas trajetórias de outros docentes se assenta, principalmente, nas barreiras vivenciadas pelos participantes, uma vez que a presença do professor surdo no Ensino Superior ainda é novidade, gerando atitudes muitas vezes discriminatórias e inadequadas pelo desconhecimento, tanto das possibilidades quanto da potencialidade da Libras e dos surdos.

A pesquisa centrou-se no seguinte problema: quais indícios da constituição da identidade profissional de docentes de Libras surdos, que atuam com estudantes de Licenciaturas no Ensino Superior, podem ser identificados por meio de seus discursos? Os resultados indicaram que a cultura e a identidade surda são características das mais marcantes e influentes para a constituição da identidade do docente surdo. Tal resultado era esperado, entretanto, nossas contribuições vão mais no sentido das consequências, do que podemos então pensar acerca de mudanças urgentes e necessárias para a inclusão dos surdos como professores no Ensino Superior.

Os professores entrevistados compreendem que a cultura surda, bem como a Libras, são componentes importantíssimos para a constituição e fortalecimento de suas identidades como educadores. Percebeu-se, além disso, que os antigos professores influenciaram na constituição das suas identidades profissionais, a partir de boas práticas desenvolvidas, bem como por métodos de inclusão que abordaram com os surdos/entrevistados. Mas, mais do que isso, a influência maior foi pelo simples fato de também serem surdos.

Esperamos que o estudo da constituição da identidade profissional desses docentes surdos contribua com outros sujeitos que buscam trilhar caminhos similares, e que as práticas e trajetórias narradas, talvez, sejam um ponto de partida para pesquisas relacionadas a essa temática. Acima de tudo, espera-se também que tenhamos, cada vez mais, docentes surdos discutindo a constituição da sua própria identidade.

Referências

ABBAGNANO, N. Dicionário. **Filosofia**. São Paulo, Martins Fontes, 2012.

AGAPITO, F. M. *et al.* Formação de professores: o olhar de um egresso surdo. **Revista Signos**, v. 36, n. 2, dez. 2015. Disponível em: <http://univates.br/revistas/index.php/signos/article/view/794/784>. Acesso em: 22 fev. 2023.

ANTONIO, L. C. O.; KELMAN, C. A. Percepções sobre ensino de libras no currículo de formação docente em licenciaturas fluminenses. **Perspectivas em Diálogo**, Naviraí, v. 6, n. 13, p. 94-110, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/persdia/article/view/8182>. Acesso em: 23 de maio de 2024.

BORBA, R. C. D. N. *et al.* Percepções docentes e práticas de ensino de libras e biologia na pandemia: uma investigação da Regional 2 da SBEnBio. **RENbio**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 153-171, jul./2020. Disponível em: <https://renbio.org.br/index.php/sbenbio/article/view/337>. Acesso em: 23 de maio de 2024.

BRASIL. MEC. **Decreto n. 5.626** - Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, 2005. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 23 de maio de 2024.

BRITO, L. F. **Por uma gramática da língua de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro. 1995.

CONCEIÇÃO FILHO, D. A condição do professor surdo em instituições públicas de ensino superior do paraná. *In*: SEMANA DA EDUCAÇÃO UEL 2017, 17., 2017, s.p. **Anais** [...]. Londrina, 2017.

- CYRINO, M. C. de C. T. Desenvolvimento da identidade profissional de professores de matemática em comunidades de prática: reificações do ensino do raciocínio proporcional. Abril de 2016. **Bolema – Boletim de Educação Matemática**, v. 30, n. 54, p. 165-187, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bolema/a/sTfV4kwdKx3s3TwYKMjM8MQ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 23 de maio de 2024.
- GESSER, A. **Libras? Que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2008.
- LAGE, A. L. S.; KELMAN, C. A. Educação de surdos pelo professor surdo, Ferdinand Berthier: encarando desconcertantes paradoxos e longevas lições. **Revista Brasileira de História da Educação**, v.19, p.1-23, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbhe/a/4vC4ZqxR6SbbrjtrRP9BHpr/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 23 de maio de 2024.
- LARAIA, R. B. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- LUNARDI, M. L. Inclusão/Exclusão: duas faces da mesma moeda. **Cadernos de Educação Especial**, v.2, n.18, p.27-36, 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/5181>. Acesso em: 23 de maio de 2024.
- MORAES, R. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p.7-32, 1999. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4125089/mod_resource/content/1/Roque-Moraes_Analise%20de%20conteudo-1999.pdf. Acesso em: 23 de maio de 2024.
- MULLER, C. R. **Professor surdo no ensino superior: representações da prática docente**. 82f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Santa Maria, 2009.
- NOGUEIRA, C.M.I.; BORGES, F.A.; CARNEIRO, M.I.N.; FRIZZARINI, S.T. O contrato didático na “inclusão contrária”: o cotidiano das aulas de Libras com uma docente surda no Ensino Superior. **Revista de Educação do IDEAU**, v.7, n.16, p.1-16, 2012. Disponível em: https://www.bage.ideau.com.br/wp-content/files_mf/e41dc1ec9657c612d6c1b4f6d592498c41_1.pdf. Acesso em: 23 de maio de 2024.
- NÓVOA, A. **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1995.
- OLIVEIRA, H. M.; CYRINO, M.C.C.T. A formação inicial de professores de Matemática em Portugal e no Brasil: narrativas de vulnerabilidade e agência. **Interacções**, v. 7, p. 104-130, 2011. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/461>. Acesso em: 23 de maio de 2024.
- PERLIN, G.T.T. Identidades surdas. In: SKLIAR, C. (org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, p.51-73, 1998.
- PIMENTA, S. G. **O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática**. São Paulo: Cortez, 1997.
- PIMENTA, S. G.; ANASTASIOU, L.G.C. **Docência no Ensino Superior**. São Paulo: Cortez; 2002.
- PONTE, J. P.; CHAPMAN, O. Preservice mathematics teachers' knowledge and development. In: ENGLISH, L. D. (Ed.). **Handbook of international research in mathematics education**. 2. ed. New York: Routledge, 2008. p. 225-263.
- REBOUÇAS, L. S. **O ensino da Libras na formação dos docentes surdos e ouvintes no ensino superior**. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal de Sergipe, 2019.
- SANTOS, M. L; TSUKAMOTO, N. M. S; FIALHO, N. N. A visão dos professores do ensino superior sobre a presença do professor surdo no cenário universitário. Didática e Prática de Ensino na relação com a Sociedade. In: ENDIPE - ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO, s.p. **Anais [...]**. Fortaleza, 2013.
- SELL, F. S. F. A disciplina de Libras no Ensino superior e seus impactos na visão dos licenciandos em relação à surdez e à Libras. **Revista The Specialist**, v. 41, n. 1. p. 1-13, 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/esp/article/view/42490>. Acesso em: 23 de maio de 2024.

SILVA, A. C. da. A representação social da surdez: entre o mundo acadêmico e o cotidiano escolar. *In*: LODI, A. C. B.; MÉLO, A.D. B.de; FERNANDES, E. (org.). **Letramento, bilinguismo e educação de surdos**. Porto Alegre: Mediação, p. 39-50, 2009

SILVA, B. G.; KLEIN, M. O professor surdo no espaço acadêmico: desafios e conquistas no exercício docente no ensino de Libras. *In*: MOSTRA DE PRODUÇÃO UNIVERSITÁRIA, 8., 2009, Rio Grande. **Anais [...]**. Rio Grande: FURG, 2009. p.1-5.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 13 ed. Petrópolis, RJ: 2012.

Submetido em: 31/03/2023.

Aprovado em: 10/05/2024.